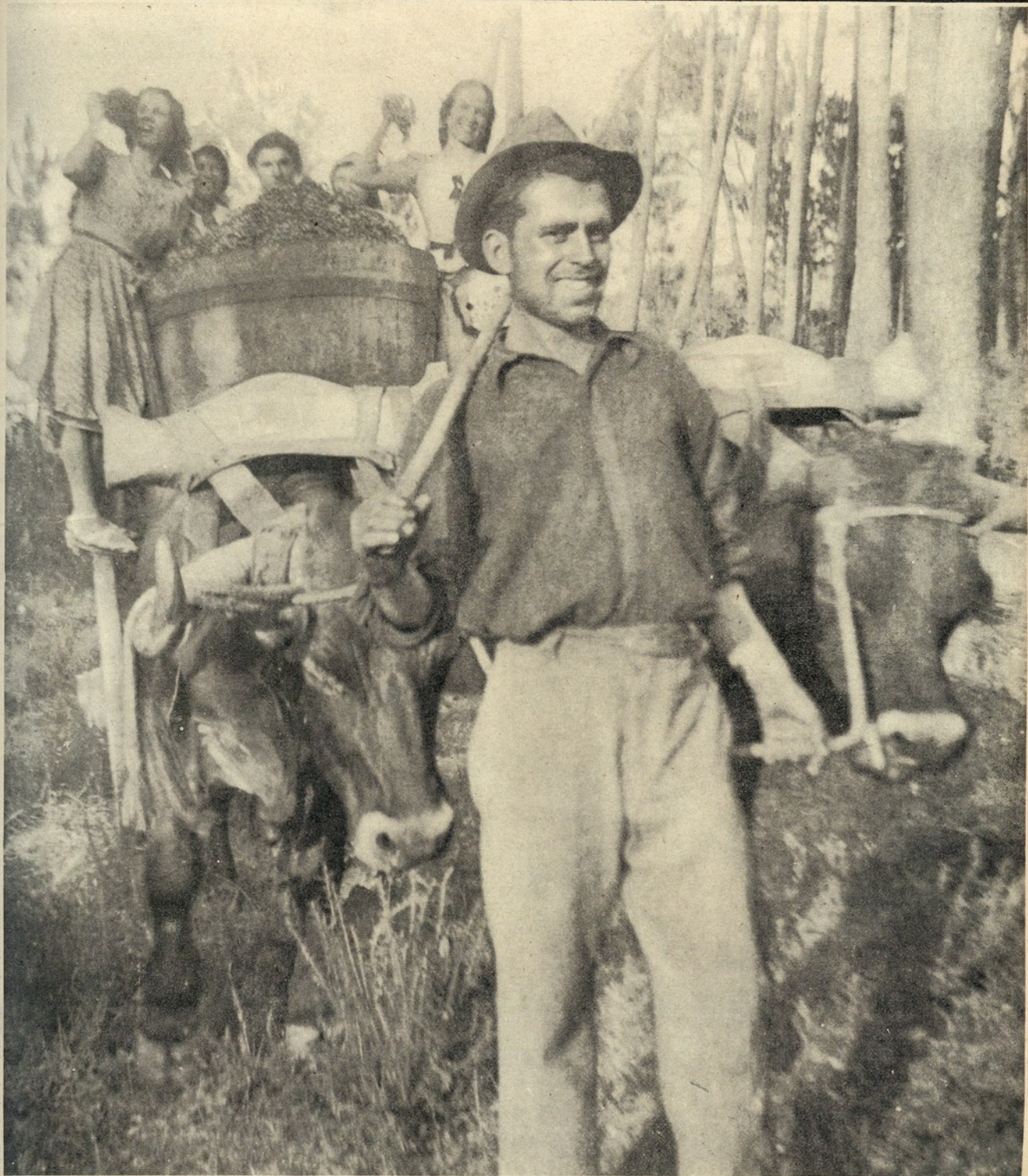




# Vida **MUNDIAL** *Ilustrada*

**SEMÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES**



TERMINOU A EPOCA DAS VINDIMAS. Pela terra portuguesa houve uma azáfama de alegria. E a uva vai fazer-se em vinho, que se transformará de novo em alegria.

**Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844**



PROF. DR. MANUEL RODRIGUES  
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES  
FERREIRA DE CASTRO  
PROF. DR. HERNANI CIDADE  
GENERAL FERREIRA MARTINS  
DR. LOPES DE OLIVEIRA  
MANUEL L. RODRIGUES

DR. AMÉRICO DURÃO  
ASSIS ESPERANÇA  
DR. SOUSA COSTA  
ROBERTO NOBRE  
DR. CASTRO FERNANDES  
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS  
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA  
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS  
JOSÉ LOUREIRO BOTAS  
AUGUSTO FERREIRA GOMES  
MÁRIA ARCHER  
DR. CARLOS OLAVO  
LUIZ PALMEIRIM

## o caso da semana

Como os

# alemães prepararam a campanha de inverno

por Carlos Ferrão

**U**M dos mais reputados jornalistas italianos, o director do «Telegrafo», Giovanni Ansaldo, revelou há dias:

«Todo o mundo vai ver, com assombro, que o inverno em nada prejudicará as operações militares da Alemanha contra a Rússia. A engenharia e os técnicos alemães preparam, activamente, a máquina de guerra que há de lutar contra os russos nas zonas geladas, arrostando com as mais baixas temperaturas. Em pleno inverno, as tropas alemãs obterão vitórias decisivas contra a Rússia, devido às máquinas de guerra especiais de que dispõem para continuar a luta durante aquela época».

O mesmo jornalista acrescentou que os preparativos alemães para a campanha de inverno contra os russos incluem aeroplanos especialmente equipados para as grande zonas geladas, com patins de rodas destinados a glissar sobre as grandes superfícies endurecidas pela neve. Segundo diz Ansaldo, estes aparelhos foram construídos para poderem actuar a temperaturas muito baixas, estando a ser treinadas tripulações de pilotos especializadas para esse fim.

Notícias de outras origens referem-se ao mesmo facto e accentuam a importância dos preparativos em curso. O correspondente dum jornal suíço informa que, no interior do Reich, a produção de artigos habitualmente usados durante a estação invernososa atingiu proporções enormes. São, ao mesmo tempo, visíveis as providências tomadas para os fazerem transportar para leste antes que as primeiras neves criem dificuldades à manutenção dum tráfego intenso naquela direcção.

Estas informações concordantes, vindas de várias origens significam que o Reich, uma vez assente a necessidade de continuar a luta durante a estação invernososa, se prepara para essa eventualidade pondo ao serviço dela os seus recursos, a sua capacidade de organização, e a sua aptidão técnica. É arriscado dizer até que ponto essa preparação será capaz de dominar as condições naturais. Mas ela revela um propósito firme de não permitir que o ritmo das operações sofra uma quebra decisiva, embora, naturalmente, elas tenham de ser feitas em escala menor do que actual-mente.

### O INVERNO RUSSO

O que é, afinal de contas, o inverno russo de que tanto se fala, na história e na lenda? É preciso, antes de mais nada, observar que as condições atmosféricas não são as mesmas numa frente que se estende ao longo de 3.000 kms., desde o Oceano Ártico ao Mar Negro. À diferença de latitudes correspondem diferenças de temperatura sensíveis. A região de Mursmank está já mergulhada

em pleno inverno, enquanto o outono começa agora em Odessa.

Sob o ponto de vista do clima, a frente germano-russa divide-se em três zonas diferentes: a Tundra, ao norte, a floresta, ao centro, a estepa, ao sul. Mesmo dentro de cada uma destas grandes zonas geográficas, há diferenças apreciáveis a registar em cada período do ano.

A primeira zona abrange o espaço que se estende entre o pórtico de Mursmank e o istmo da Carélia e compreende a vasta região conhecida pela designação de Carélia Oriental. A chuva e o frio já fizeram a sua aparição nessas paragens onde os soldados já devem andar munidos de «skis». As operações em Mursmank poderiam continuar visto que o pórtico não gela durante o inverno. Pelo contrário, os lagos numerosos (Onega, Ladoga, Iemen) que caracterizam esta zona estão gelados a partir do mês de Novembro.

A segunda zona (centro) é limitada ao norte pela área de Leninegrado e arredores, e ao sul pela estrada Moscovo a Smolensko. É a zona das grandes florestas. Ai a primavera e o outono são, para a condução das operações militares, mais inconvenientes que o inverno. As chuvas começam em setembro, chuvas frias e abundantes que sucedem aos calores do estio. Em menos de quinze dias, o termómetro desce de 30° a 5°. Não há estação intermédia. A uma primavera fugaz sucede o verão ardente.

A terceira zona abrange as estepes ucranianas e as margens do Mar Negro. O outono é sensivelmente mais benigno que no centro do país e a transição para o inverno tem as características dos climas marítimos. Quando, em Moscovo, a temperatura oscila à volta dos 8° ou 10° negativos, em Odessa atinge 2° e 3°. O mesmo pode dizer-se quanto à transição da primavera para o verão.

### O SOLO E O CLIMA

Para a continuação das operações militares, além da influência que as oscilações climatéricas exercem nos homens, particularmente sensível, na zona do centro pelos seus efeitos depressivos, é essencial o estudo das transformações registadas no terreno com a transição das estações. O solo russo altera-se sobretudo com as chuvas diluvianas do outono e com o degelo da primavera. São pouco numerosas as estradas em cuja construção costuma empregar-se o pedra pela razão simples, mas decisiva, de que esta escasseia na Rússia. Duma forma geral, pode dizer-se que exceptuando as grandes estradas, os centros de população, mais ou menos importantes, são ligados por caminhos de terra cujas bermas, poeirentas durante o verão, se transformam em atoleiros durante a estação das chuvas. A imprensa alemã tem, por mais duma vez, posto em relevo esta circunstância e a engenharia militar procura remediá-la, em parte, recorrendo a expedientes de ocasião para fazer seguir, os veículos pe-

sados, e mesmo os ligeiros, em caminhos impraticáveis. Um jornal do Reich resumia à pouco esta realidade afirmando que enquanto durante a primeira fase da luta a máquina puxou o homem, a segunda se caracterizará pela inversa, será o homem a puxar a máquina.

Na altura do degelo o fenómeno repete-se mas por uma razão diferente. Então é o curso dos rios, engrossando, que inunda vastas regiões, tornando impraticável o tráfego normal e obrigando a um esforço maior. Na Rússia a periodicidade das chuvas e das inundações é um inconveniente com que as populações lutam normalmente.

Assim enquanto para o homem o inverno é a estação mais perigosa, para o material a primavera e o outono oferecem perigos maiores. No inverno, os soldados sentem os horrores das tempestades excessivas com o seu cortejo de epidemias. Na primavera e no outono, os veículos caminham com dificuldade. Pelo contrário, nas estações intermédias os soldados movimentam-se com mais facilidade, e os tanks, os carros e os restantes meios de transporte giram com uma facilidade maior nestas superfícies geladas dos rios e dos lagos.

### A OPINIÃO DUM TÉCNICO

Pouco antes de se iniciar o actual conflito, um perito alemão de questões militares, o capitão Schoeneich, conhecido pelas suas ligações com os círculos dirigentes da Wehrmacht deu o grito de alarme. Schoeneich considerava incompreensível que o exército alemão se apresentasse em toda a parte, vestido e equipado da mesma forma. E acrescentava: «Não há quem tenha conta da diferença de climas, da diversidade de temperaturas, da variação de condições atmosféricas? Não é verdade que a própria preparação táctica das forças deve variar de região para região? E prevendo que uma campanha a leste seria não apenas necessária, mas inevitável, concluiu: «Com o nosso armamento e as nossas formações actuais poderemos conduzir a luta na Rússia desde o fim de Abril ao fim de Setembro, quer dizer durante cinco meses. Mas quando chegar o outono, teremos de fazer uma pausa para transformar as nossas colunas motorizadas em colunas de veículos puxados por cavalos. Se não fizerem isso, num prazo de tempo relativamente curto veremos enfraquecidas as nossas possibilidades de reabastecimento». Isto pelo que se refere ao material. E quanto ao pessoal? Schoeneich punha em relevo uma circunstância para a qual chamava particularmente a atenção dos seus chefes: as tropas destinadas à campanha de leste, oriundas na sua maioria das planícies do norte da Alemanha, não praticavam habitualmente desportos de inverno. As secções de skiadores quasi não existiam. Em sua opinião, era indispensável preparar as secções de tropas de choque treinadas para deslizar sobre a neve e qualquer que fosse o abaixamento da temperatura. A falta de tre-

nis e de cozinhas alimentares a pelo-leo era também sensível.

«Vi durante as últimas manobras, escrevia êle, soldados que tremiam de frio, quando a neve lhes chegava aos joelhos, por falta de adaptação a condições que não deixariam de se verificar. Não está prevista a substituição das rodas pelos patins, nem dos veículos usados normalmente por trens».

As suas advertências foram ouvidas. Os laboratórios da Wehrmacht trabalham, há seis meses pelo menos, intensivamente, na preparação da campanha de inverno.

### O PESSOAL E O MATERIAL

Em que consiste essa preparação?

Quanto ao pessoal, a transformação é sensível. O soldado usará um saco maior em substituição da mochila tradicional. A sua bagagem inclui vários artigos suplementares: cobertores, coberturas para camuflagem, fatos forrados, luvas compridas, camisas reforçadas, meias de lã, grevas especiais, óculos para a neve, etc.. Os treinos em ski intensificaram-se, durante estágios prolongados na Baviera. O pessoal da aviação foi sujeito a experiências intensivas. Por meios geralmente bem informados de Berlim, fala-se dum produto sintético isolador que está a ser aplicado na construção de tendas para as tropas.

Quanto ao material, as exigências dum campanha de inverno revelaram-se maiores. Como é possível evitar, com o abaixamento da temperatura, o congelamento dos carburantes dos motores? Que importância têm as baixas temperaturas no material de artilharia? Em que medida precisa ser modificada a táctica dos aviões? Qual a forma de preparar, na neve, suportes convenientes para as metralhadoras? É a todas estas perguntas que os laboratórios da Wehrmacht procuravam dar resposta adequada.

Com os problemas de vestidário e de equipamento do pessoal e da adaptação e transformação do material tem sido estudado o problema fundamental da camuflagem na neve. Foi necessário preparar uma nova tinta para corresponder a essas exigências que se fazem sentir especialmente para a pintura das tendas de campanha e do material de artilharia.

Todas as indicações provenientes da Alemanha, das regiões ocupadas e dos países limítrofes aludem a requisições, em grande escala, de peles, na Polónia e na Hungria. A fabricação de trens o motor intensificou-se nos países escandinavios. As tendas desmontáveis estão a ser construídas em proporções inesperadas. Os artigos de lã acumulam-se em depósitos do exército.

«As dificuldades para a transformação do equipamento e do armamento dum exército de milhões são evidentes» escreve o «Weltwoche». Estas dificuldades procura a direcção militar alemã vencê-las como condição prévia para enfrentar o famoso general Inverno.





A destruição da maior obra de engenharia

dos

Soviéticos

UMAS APÓS OUTRAS, as testas de ponte soviéticas no Dnieper foram conquistadas pelos exércitos do Reich. A queda da Ucrânia ocidental coincidiu com a tomada de Dniepropetrovsk, a cidade das fábricas gigantes. Foi então que os russos, perante o avanço das divisões germânicas, destruíram a sua maior obra de engenharia — a famosa barragem do Dnieprostroi. A foto mostra-nos um oficial do exército do Reich observando o gigantesco incêndio que inutilizou, em poucas horas, o esforço ininterrupto de cinco anos de trabalhos e de elevadíssimas despesas.

Vida  
MUNDIAL  
Ilustrada



# na Frente Oriental



NA PRAÇA DO MERCADO DE VIBORG, as tropas do exército finlandês que acabam de chegar da frente, após terem atingido as antigas fronteiras do país, celebram a vitória desfilar-se perante os seus oficiais superiores.



DEVASTADA POR DUAS GUERRAS em dois anos, a terra finlandesa tem sofrido duras provações. No entanto, a população e o exército têm sabido resistir corajosamente. A esquerda, após a reconquista de Viborg, vêem-se os libertadores da cidade passar pelas ruínas da estação do caminho de ferro.



UM ASPECTO DO AVANÇO FINLANDES no istmo da Carélia, onde as tropas russas foram lançadas para as cercanias de Leninegrado, já para além das antigas fronteiras daquele país.



O ESTADO ACTUAL DA CIDADE DE VIBORG, capital da Carélia, teatro de duas campanhas, que se encontra, quasi completamente em ruínas.



# Os alemães na campanha da RUSSIA



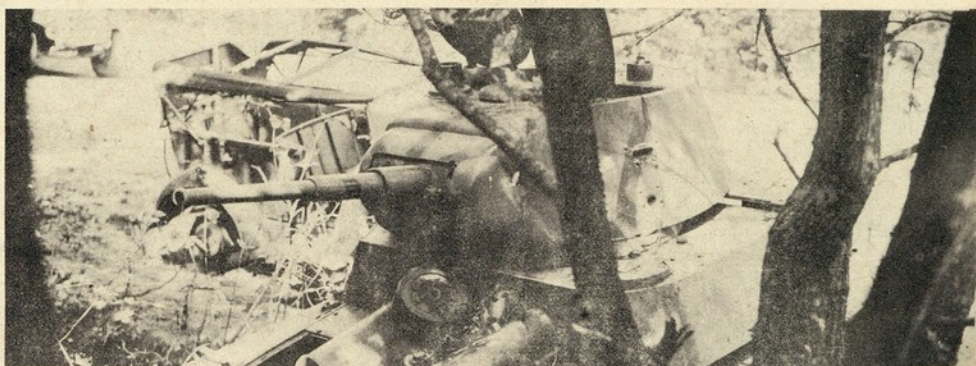
ASPECTO DUM ATAQUE DA INFAN-  
TERIA ALEMÃ numa planície dos ar-  
redores de Leninegrado, ao amanhecer.



O MARECHAL GOERING mostrando  
num mapa o plano da grande ofensiva  
do exército do Reich quando da recente  
visita de Mussolini ao Quartel General  
de Hitler, na frente oriental (à direita).



TRABALHADORES DAS TROPAS  
DE AUXILIO do exército alemão  
tratando do arranjo duma estrada  
que vai ser precisa para a passa-  
gem duma das divisões do Reich,  
a caminho da frente de Moscovo.



«TANKS» RUSSOS, carros e outro ma-  
terial de guerra abandonado pelas  
forças soviéticas perante o ímpeto da  
ofensiva no sector central.



# CALÇADA DA GLÓRIA

## SINFONIA DE ABERTURA

A moda, na sua leveza inconsistente, decretou a abolição da meia feminina. As mulheres, numa ponderável maioria, obedeceram — e as ruas tornaram-se grandes montras ondulantes de pernas nuas. Não se pode dizer que a meia tenha morrido; mas, é fora de dúvida, que atravessa uma crise dolorosa.

Não se sabe, duma maneira precisa, quando apareceu o primeiro par de meias. Pode apenas afirmar-se — e já não é pouco — que, nos seus primeiros tempos, as meias eram feitas à mão; eram, em regra, de fio de seda (as de linho ou de lã eram rarríssimas); e a sua cor era igual à dos vestidos que se usavam. Em certas regiões, ligou-se às meias uma tradição pitoresca. Quando as noivas se metiam na cama, no primeiro dia do casamento, apagava-se a luz, e elas atiravam com uma das meias ao ar. Das donzelas presentes, aquela que a apanhasse seria infalivelmente a primeira a casar.

Se a moda das pernas nuas pega mesmo para as noivas, muitas donzelas, por esse mundo, vão ficar solteiras!

## A CARIDADE

CONTOU-ME Raúl Brandão que nos seus tempos de infância tivera um professor que era o demónio. Um dia perguntou a um dos discípulos o que era a caridade. O rapaz — nada. — Com que então não sabes o que é a caridade? — continuou o mestre, puxando heróicamente uma orelha do petiz.

Logo este: — Também o sr. professor não sabe o que é. Se soubesse não me puxava tanto a orelha...

## O BÊBÉ E A POLÍTICA

UM petiz para o pai que era político:

— Os ministérios quando caem, não ficam aleijados, papá?

— Os ministérios, filho, são quasi todos aleijados de nascença!

## O CASAMENTO

DIZIA Alexandre Dumas que o casamento era, muitas vezes, uma espécie de fortaleza sitiada: os que estão de fora querem entrar; os que estão de dentro — querem sair...

## S. LUIZ BRAGA

UM moço e audacioso escritor dramático, que não devia muito ao talento, levou uma vez uma peça em cinco actos ao empresário S. Luiz Braga para que este a lesse e lhe desse a sua opinião. Dai a dias, procurou-o.

— Então já leu a minha peça? — perguntou o escritor.

— Li os três primeiros actos.

— E que lhe pareceu?

— Excelentes, os dois últimos!

## O DR. VILELA

HAVIA ainda não há muito em Coimbra um lente de Direito internacional privado chamado Alvaro Vilela. Era o terror dos rapazes. Quando eu passei pela Cidade dos doutores contava-se lá esta história: Um dia, na Figueira da Foz, no Casino, uma senhora, mãe dum estudante, disse ao lente:

— O seu nome não engana. Logo no

## UMA SOGRA BEM HUMORADA



Certa noite, um sujeito respeitável que foi nosso companheiro de «fauteuil» na «première» duma comédia em que Maria Matos desempenhava, com magistral convicção, um dos seus clássicos papéis de sogra, voltou-se, em determinada altura, para nós e, apontando-nos a ilustre actriz, exclamou, franzindo o sobrolho:

— Esta senhora deve ser de se lhe tirar o chapéu!

Na verdade, quem conhecer a admirável artista só de a ver representar os seus papéis de sogra mal humorada — a tradicional sogra de bigode e péra — pode supor que ela é, na vida quotidiana, uma pessoa de certo modo semelhante àquela que costuma figurar em cena. Engano. A autoridade é, no fundo — no fundo e no cima — um espirito gentilíssimo. O seu aparente e inquietante mau génio não passa duma expressão histriónica. «Ali onde a vêem — costumava dizer André Brun — é, afinal, uma sogra com aspas». A sua própria casa — uma casa alegre e viçosa, na Avenida Fontes — não é a vulgar gaveta citadina onde se arruma, como as cuecas, uma família completa: é um acolhedor paraíso em cujo ambiente de flores e de recordações se respira uma doce atmosfera de arte e de paz. Domésticamente, Maria Matos é isto. Artisticamente, quem há por aí que não conheça, como os seus dedos, a insigne comediante? Artista até à medula; ao mesmo tempo escritora e intérprete; senhora de múltiplas qualidades, saltando, com a simplicidade dum voo, do drama para a alta comédia, da farsa para revista; professora do Conservatório de que foi uma das mais surpreendentes discípulas — pende-lhe ao peito o coração e o colar de São Tiago. Está dito tudo. Modesta ao máximo há, entretanto, uma criação de que ela se orgulha: a sua filha.

Maria Matos, agora ao «Avenida», promete-nos uma temporada brilhante. Confie-mos na sua palavra — e não nos admiremos de que o popular teatro se transforme no Teatro D. Maria — Matos, é claro...

princípio diz o que o senhor doutor é: Vil.

— Perdão, minha senhora — retorquiu logo ele — O meu nome o que diz é Vil... ela!

## RAMALHO ORTIGÃO

AGORA que a propósito de mais um aniversário do falecimento do grande escritor Ramalho Ortigão se recordou a sua prosa admirável, não es-

queçamos também — em tudo foi excelente este homem — as suas batatas «au soufflé», título de glória que lhe valeu o avelar branco da melhor de todas as Academias: a de cozinha...

## O NOIVO

NA sacristia, um noivo despede-se do pároco que acaba de o casar: — Até à outra vez, senhor vigário!

## BARJONA E TOMAZ RIBEIRO

UMA ocasião viajavam no mesmo compartimento, no comboio de Coimbra para Lisboa, Barjona e Tomaz Ribeiro. Perto deles ia uma rapariga bonita. Barjona sempre conquistador, olhava-a e sorria-lhe, babado de todo, e querendo dar-lhe a impressão de que era livre: Tomaz Ribeiro seguia-lhe na peitgada. Nisto, o poeta do D. Jaime cortou o silêncio:

— É verdade, ó Barjona, como estão os teus filhos?

Logo o político, compreendendo o alcance da pergunta:

— Orfãos de mãe! Felizes os teus que ainda a possuem!

## JOSÉ DO TELHADO

EPISÓDIO curioso que conta Rocha Martins a respeito deste famoso saltador:

— Um dia, numa feira em Vila Meã, ao despejar uma canada de vinho, viu o povo correr em massa para ele. Puxou do varapau, lançou-se à turba, espancou-a, abriu cabeças, derrubou um lavrador que ia na sua égua, e dum salto escanchou-se na cela, partindo à desfilada a dizer de longe, tirando o chapéu, num gesto teatral:

— Até outra vez!

Depois desmontou a meio do caminho, entregou a égua a um homem que passava e pediu-lhe que entregasse o animal ao dono, acrescentando:

— E se quiser alguma coisa do José do Telhado é só mandar!

## ÊÇA E A MERCEARIA

O meu maior erro — dizia Êça de Queiroz — foi, quando era moço e forte, não estabelecer uma mercearia. Acabaria por ser gordo e sossegado como o toucinho que cobriria o meu balcão.

Interpretem V. Ex.<sup>sa</sup> como entenderem.

## JUNQUEIRO

JUNQUEIRO — o grande Junqueiro, com as suas barbas hirsutas e a sua gloriosa velhice de Pan — foi um dia à Ribeira Nova, por curiosidade.

— Ó Santinha — disse, a certa altura, o poeta dirigindo-se a uma velha peixeira e apontando uma pescada reluzente — ó santinha, esta pescada está fresca?

— Tão fresca, meu rico senhor, que ainda está viva.

Logo Guerra Junqueiro, cofiando as barbas.

— Isso não é uma razão. Também você está viva — e já não é fresca.

## FILOSOFIA

ESTOU com o filósofo que dizia: — Há três espécies de pobres: os envergonhados; os que envergonham e os sem vergonha...

## ÊLE É BARRO!

SE o homem — como se afirma — foi feito de barro, é fora de dúvida que pertence ao Reino Mineral.

Ou então muito boa noite, sr.<sup>a</sup> Dona Lógica!

Luís S. Oliveira



# Vida PORTUGUESA



ASPECTO DA ASSISTÊNCIA A REUNIÃO INAUGURAL do novo período de actividades da «Mocidade Portuguesa». Ao centro, o sr. dr. Marcelo Caetano, comissário daquela patriótica organização.

O SR. LEAL MARQUES foi alvo duma significativa homenagem ao abandonar o lugar de inspector geral de Finanças que, durante 11 anos, desempenhou com superior zêlo e competência. A foto, em cima, mostra um aspecto da homenagem.



O SR. GENERAL EDUARDO MARQUES, presidente da Câmara Corporativa, depondo um ramo de flores no monumento aos mortos da Grande Guerra, quando da comemoração da batalha do Cuamato.



O SR. DR. FILIPE DA COSTA, que partiu há dias para os Açores, foi homenageado com um banquete oferecido por médicos de Lisboa, seus colegas.



# Panorama Internacional

## A caminho do inverno

por Francisco Velloso

NEUTRALIDADE MORIBUNDA

COMO Hitler revelar no seu discurso do dia 3 em Berlim, desde o dia 1 decorre na Rússia a quinta ofensiva alemã de grande estilo, aquela que as fontes de informações dizem ser a maior de todos. Este esforço alemão, que não pecará por falta de preparação, é o acontecimento central da última oitava. Na sua perspectiva se produziram outros, que já aqui assinalamos: o afã da produção de guerra norte-americana e os trabalhos da conferência de Moscovo que se lhe correlaciona; e outros estão sucedendo ainda, como a revivescência do diferendo político que, por detrás de fachada comercial, se abre entre a Alemanha e a Turquia; e mais se lhes seguirão inevitavelmente (no vale do Nilo, ou no noroeste africano ou no ocidente europeu ou em novo assalto à Grã-Bretanha, como admitiu Churchill há pouco).

### UM METAL PRECIOSO



SARA JÖGLU em Ankara uma pressão também a fundo. Uma prende-se à outra. E a parada é bem jogada. Ou a ofensiva toca realmente no alvo, e a Turquia ver-se-á envolvida na meada da política do Mar Negro, e portanto dos Estreitos, ou não logra o seu objectivo e, como essa dupla complicação não será imediata, a Alemanha lucrará ao menos o que puder conseguir de um pacto comercial, arrancado às dentadas.

A prioridade da assinatura do tratado comercial com a Inglaterra criou uma situação de facto prejudicial para as transacções com Berlim. Em algodões, juta, cobre e cromo, os ingleses, em troca do abastecimento do mercado turco em outros produtos essenciais e matérias primas, foram nitidamente favorecidos.

Assim, toda a produção de cromo até e durante 1942 foi reservada para eles. O cheque que deste *handicap* resultou para os negociadores alemães, foi tal que estiveram a pontos de ser chamados a Berlim. Houveram de reagir. Passou-se à guerra de nervos: boatos de arremetidas búlgaro-alemãs, atritos a propósito e despropósito da passagem dos Estreitos, ataques da imprensa alemã que denominava a atitude turca de *divertimento oriental*... Os meios diplomáticos da Santa Sé chegavam a prever nos fins do mês passado que a Turquia

teria de abandonar a neutralidade. Clodius e Von Pappen reclamavam provisoriamente 3.500 toneladas de cromo imediatamente entregues e parte das produções futuras. Se Ankara não houvesse recusado, o contrato com a *Kingdom Commercial Corporation* ficaria, a este respeito, mal ferido. A Turquia oferecia em contrapartida cobre em vez de cromo e mais mil toneladas de algodão sobre as três mil que os alemães pediam. Não se deram estes por satisfeitos, tanto mais que Sara Jöglu não transigia em fixar o marco, para as operações previstas, em 65 piastras, lembrado do que acontecera à Roménia com o aviltamento da sua moeda. A partir do dia 2, já com a ofensiva contra a Rússia em marcha, a pressão alemã subiu de tom. A 7 constava que a assinatura do tratado fôra adiada. A 8 revelava-se que a Alemanha exigia metade do cromo turco em 1942 e 1943 (cêrca de 200 mil toneladas) contra valor equivalente em armamentos e entregas imediatas. Era um recuo, mas *sine qua non*. Esta exigência fôra apresentada por Clodius em uma nota de termos cominatórios. Sara Jöglu tornou-lhes com uma contra proposta de pegar ou largar, de acordo com o embaixador inglês, baseada numa alternativa de entregas imediatas ou da metade da produção do que os alemães pediam daquele metal e novas compensações noutros produtos. Clodius aceitou. A 9 o tratado era assinado. Os alemães levaram o máximo que puderam, mas Ankara salvara dum parte o tratado com a Inglaterra, e de outra a sua posição neutral, o que se vê tanto melhor quanto o dr. Clodius havia ameaçado romper as negociações e transferi-las para Berlim, — eufemismo que, como se sabe, já custara à Iugoslávia a capitulação contra a qual estava a revolução de Belgrado...

### DUAS RAZÕES



KINGSLEY WOOD

Nesta disputa, se o fornecimento de cromo é capital para a Alemanha, pois carece de substituir o que recebia da Rússia (*hoc opus hic labor est*), a neutralidade é para o governo turco e mórbidamente para os interesses anglo-turcos, muito mais preciosos, pois continua sendo a muralha de defesa dos Estreitos dentro da convenção de Montreux, e, conseqüentemente, a base de uma política no Mar Negro que corresponde do mesmo modo aos interesses anglo-russos, neste momento em que Hitler joga antes do inverno, a sua grande cartada a leste e em que o governo inglês declara *air com* a Rússia até à vitória.

Qualquer deslocação ou desvio nestas posições da Turquia, teria repercussões de incalculável perigo para esses dobrados interesses bri-

tânicos. Se Hitler empenha agora o seu maior esforço, Churchill não faz outro de menor vigor. Kingsley Wood, no dia 30 do mês passado, explicava aos Comuns que a Grã-Bretanha estava a suportar por dia, com a guerra, encargos que montam à soma assombrosa de um milhão e trezentos mil contos.

Baldwin afirmou há anos que a frente da Inglaterra estava no Reno. Agora está ela na Rússia. As portas da Pérsia e de Murmansk continuam abertas e bem guardadas. Mas importa observar que a conferência das três potências em Moscovo leve, no entanto, mais largo âmbito do que o de verificar o sistema em que serão levados àquela frente os recursos do império britânico e dos Estados Unidos. O *Times* acentuava-o no dia 3 com as seguintes palavras:

«O seu fim imediato foi o de estabelecer um plano para dispor dos máximos recursos da confederação, e seja qual for o ponto da linha de batalha comum, em que a luta se apresente mais crítica, esse ponto hoje é na Rússia oriental, assim como amanhã poderá ser na Grã Bretanha ou mesmo nos Estados Unidos e algum dia será certamente em solo do *eixo*.»

Quanto a esta última previsão não deixa de ser notável que ao passo que o chefe do corpo expedicionário canadiano Mac Naughton declarava no dia 27 de Setembro que os aliados têm de invadir o continente e que a Alemanha não podia ser vencida só com bombas (no mesmo dia se noticiou o *raid* feliz das suas tropas a um ponto da costa francesa), Lord Halifax ao regressar à sua embaixada em Washington, disse aos jornais que as actuais condições não permitem às tropas britânicas uma invasão da Europa, mas julga-se possível que, oportunamente, possam ser desembarcadas forças expedicionárias em qualquer ponto. Qualquer destas afirmações demonstra como domina o espírito público inglês e norte-americano o pensamento de que urge passar à ofensiva directa, não sendo, pois, de estranhar — assim o deixou transparecer o último discurso do primeiro ministro — que tanto no auxílio à resistência russa, como nos planos de Wavell, no drama da batalha do Atlântico, na segurança e defesa dos comboios norte-americanos de abastecimento às diversas frentes e no aceleramento da produção de guerra da indústria dos Estados Unidos, exista o móbil central de dar satisfação àquela aspiração, já enervada — fazendo convergir para tal objectivo todo o esforço preparatório dos aliados e sobretudo o da Inglaterra, e aproveitando-se, com febre, o período de tempo que demora até à primavera.

É uma razão de tempo mas é também uma razão de necessidade política e militar, e uma e outra são poderosas que uma vitória total adquirida por Hitler a leste, neste medear de tempo, faria transverter de cima a baixo todos os planos sobre cuja carta os aliados baseiam a condição de ganharem a guerra.



HALIFAX

Na verdade, no outro lado do Atlântico, o pedido feito por Roosevelt para a revisão integral da Lei de Neutralidade, depois de ouvir as opiniões dos chefes do Senado e da política, traduz essa mesma urgência. Começa-se pelo armamento dos navios mercantes e pela autorização de entrarem nas zonas de beligerância, mas bastam estes meios para que a famosa Lei fique sem eficiência. Depois pouco falta para o resto. O isolacionismo entrou em agonia. La Guardia clamava em Chicago na primeira quinzena de Setembro: «Nós não somos neutrais. Qualquer declaração de neutralidade, feita seja por quem for, ou não é sincera ou é deshonesta», e todas as informações insistem em que o eloqüente *maire* de Nova Iorque mais não fez então do que repetir uma opinião geralmente predominante. A campanha política contra a Lei de Neutralidade desencadeou-se logo. No fim daquele mês Knox bradava que o exército tinha de ir bater-se onde fosse preciso e que a lei é pesado fardo que só acarreia tropeços e dificuldades. A 25, o presidente podia asseverar que os americanos finalmente haviam resolvido abrir os olhos e armar-se até os dentes, e despediu uma cutilada aos adversários, acusando-os de, ainda em Julho de 1939, jurarem no Congresso que a guerra era impossível, com o fim de impedir o armamento preventivo da nação. No dia seguinte, era ele próprio que num artigo do *Collier's* acrescentava que a revogação da lei do embargo naquele mês teria evitado a guerra. No dia 1, aos jornalistas marcava em mais de cinquenta por cento da produção as quantidades de aprovisionamentos a enviar à Inglaterra, à Rússia e a outros países, nos três meses do fim do ano.

Mas Knox, em Indianopolis, nessa mesma data, aclarou definitivamente o novo rumo da política nacional americana: — a necessidade de novas bases de segurança no Atlântico, *ao longo da América do Sul*; a luta fora do território. E acrescentou: «A única esperança do Mundo é que o poder marítimo permaneça, nestes cem anos mais próximos, entre as mãos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. As armas britânica e norte-americana estão varrendo os alemães do Norte do Atlântico. Fecharemos a Alemanha nazi num círculo de ferro — o círculo do poder marítimo — dentro do qual terá de perecer. Faremos tudo quanto nos couber e mais inda para conservar livres da pirataria as estradas marítimas do Mundo.»

Nesse mesmo dia, eram chamadas as reservas de 1922. As operações

(Conclue na pág. 16)



# SAIU-LHE

## Cronica da Lisboa nocturna

por **Fernando Teixeira**

UMA CAUTELA

# PREMIADA

O Rossio era uma maravilha de côr...

**A** primeira sensação foi de vertigem. Começou a sentir um grande pêso na cabeça e viu os móveis andar à roda — a cômoda no tecto e o candeeiro no chão — tal qual como naquela noite em que fizera anos de casado e dera jantar melhorado em casa, com roda de amigos. Depois, pouco a pouco, foi-se modificando aquêl mal-estar. Até que o assalto uma grande alegria, uma alegria estranha, selvagem, que lhe dava ganos de partir os frascos vazios que estavam em cima do «toilette» e de vir para a janela cantar a valsa de Sibelius — música que, desde criança, lhe fizera sempre muita impressão, porque a ouvira tocar, a primeira vez, no Príncipe Real, em certa noite inesquecível que foi a da sua iniciação nos espectáculos nocturnos.

Se elle soubesse o que era, diria que estava eufórico. Mas elle não sabia, e, por isso, de si para si, contentava-se em explicar o caso como uma bebedeira de felicidade.

Realmente — podia dizê-lo — era a primeira vêz que se sentia feliz. Que elle nada tinha contra a vida, lá isso é verdade. Passara uma meninice calma e pre-

guiçosa, uma juventude estúpida, mas confiante e, «desde que se conhecia» — como elle dizia — desde que era gente e tinha de aturar o Silva, nunca tivera desgostos, que lhe tirassem a vontade de comer. Este Silva, o patrão, era, no entanto, uma das suas maiores preocupações. Com a mania de acumular, era malcriado e dêsputa. Os empregados andavam numa roda viva e, tôdas as manhãs, o seu primeiro cuidado era ver se descobriam como elle passara a noite, se tivera alguma indigestão, se a família o fizera zangar. Quando nada disto havia acontecido, o dia corria bonançoso e até parecia que os aparos deslizavam melhor sobre os livros. O contrário era prenúncio certo de tempestade no escritório.

Mas que se importava agora elle com as oscilações nervosas do Silva? Sim, o que era o Silva ao pé dêle nesse momento? Talvez nem tivesse na mão o que elle tinha. Ia quasi jurar que não. E que nem todos os dias se fecha a caixa, com dez contos de saldo. E então, assim, sem dificuldades, sem contas, nem escruturação.

Fôra num instante. Saíra do escri-

tório, à hora do almoço e fôra, à pressa, comer qualquer coisa para se meter no barco, no Terreiro do Paço. A mulher fôra a ares, para a Trafaria e elle ia lá passar o resto do dia e o domingo. Não lhe agradava muito a viagem porque já tinha começado a chover e um fim de semana carrancudo fôra de Lisboa era de arrelhar. Mas tivera que se contentar com a situação, porque as cascas, no verão, alugavam-se por um preço elevadíssimo e elle não lhes chegava. De resto, o médico dissera-lhe só que elle precisava de mudar de ambiente por causa dos pulmões e estes — que elle soubesse — não conhecia quando era verão, nem quando era outono. O essencial era sair daquela pocilga, daquêl 4.º andar encavalitado no telhado velhíssimo do velho prédio da rua da Barroca, onde elle habitava há 10 anos, desde que juntara os seus destinos aos da Beatriz.

Ia já ao fim do Rossio, direito à rua do Ouro, quando por aquêl hbito fatalista que não o largava se lembrou de olhar para o «placard» à procura de notícia de mortes ou desgraças. Mas não havia ainda telegrama nenhum. Só lá

estavam os números premiados da lotaria.

La continuar a caminhada quando, de repente se lembrou que havia comprado uma cautela, de manhã. As vezes quem sabe...

Tirou-a da carteira. Olhou várias vezes para o «placard» e para o papel que tinha na mão. Chegou-se mais à frente para ver melhor. Os números baralhavam-se-lhe à frente dos olhos...

Foi assim que elle se sentiu, rapidamente, transportado a uma nova existência. Tomou logo um «taxi», coisa que lhe era quasi vedada, por enjoar com facilidade nos automóveis e por ganhar só oitocentos escudos mensais, e, depois de passar pela Misericórdia e receber o prémio, só parou em casa, onde se escondeu a cogitar no que deveria fazer.

«Antônio — dizia elle, falando consigo próprio e engrossando a voz para parecer que era outro — não sejas parvo! A vida são dois dias e sortes grandes só saiem aos sábados. Tu tens sido um sacrificado, um burro de trabalho. A Beatriz é boa mulher, mas não fazia êsse sacrificio por ti. Não lhe contes nada. E



Lembrou-se de entrar no Parque Mayer.



A porta dos cinemas, era um formigueiro de gente.

Vida MUNDIAL





Entrou num café. Havia música...

capaz de trocar isso tudo em vestidos, chapéus e outras miudezas e tu não gosas o dinheirinho. Que diabo! A talada saiu-te a ti, não foi a ela. E, depois, um dia não são dias. Guarda alguma coisa para uma afição, mas diverte-te. Faz uma noiteada, António! Tu vives em Lisboa desde que nasceste e nunca viste nada de Lisboa. Quando eras solteiro, saías sempre com a tua mãe. depois de casado, saís sempre com a tua mulher. É preciso saíres impar, António! Ao menos, uma vez.»

Acabou por concordar com ele próprio. E foi, nestas circunstâncias, que se resolveu a mandar recado à Trafaria, dizendo que no escritório havia trabalho, que só no dia seguinte podia ir.

Deixou descer a noite. E começou por se sentir satisfeito quando descobriu este jogo de palavras: Em vez de ir à outra banda do Tejo, ia à outra banda do vida. Um homem com dinheiro até tem graça! Aquilo prometia.



O Rossio era uma maravilha de cor, um belo espectáculo. Porque seria que ele nunca reparara nisso? «A gente, quando é pobre, só olha para o chão», filosofava o António.

Mas agora, aonde ir? Quando o Silva



Era o cantor. Ia, enfim, ouvir o fado.



A rapariga lutava com falta de espaço para dançar...

dava: serões e êle voltava tarde para casa, a Beatriz não se cansava de lhe resmungar: «A estas horas? Sei lá donde vens! Se calhar dos clubes... Vocês são todos iguais!» Êle nunca soubera o que era isso. De clubes, só conhecia o Benfica pelo barulho que faziam a discutir-lo os colegas do escritório.

Ah! Mas agora ia conhecer tudo. Havia de divertir-se. Dinheiro, não faltava. Começaria numa ponta e acabaria noutra. Lisboa estava a seus pés. Era só puxar da carteira.

Subiu a Avenida. À porta dos cinemas, era um formigueiro de gente. Hesitou. Mas não; não iria ali estragar três horas, estupidamente, como toda a gente. Sim, porque êle naquela noite, não era igual aos outros. Êle tinha dez contos.

Lembrou-se de entrar no Parque Mayer.

Entrou, deu duas voltas, ouviu uma voz monótona anunciar 25 anúncios e não viu nada. Não, aquilo não lhe servia. Para um homem com tanto dinheiro, achava que não ficava bem ir-se meter num daquêles casarões. Para quê? Para gastar talvez alguns míseros 20 escudos. Ora, isso fazia toda a gente.

De resto, ainda era muito cedo. Depois da meia-noite — sempre ouvira dizer — é que Lisboa era Lisboa. E depois, aquiêle prazer da aventura, de desvendar os mistériozinhas da vida noturna duma

grande cidade...

Tirou o régio do bolso, 10 horas. Iria passar o tempo num café.

Entrou num. Havia música. Quatro artistas, com ar de quem não tem dinheiro para pagar a renda da casa, tocavam a valsa dos «Milhões de Arlequim». António pensou na ironia do caso. A sala estava cheia e êle teve dificuldades em encontrar uma mesa. A freguesia fazia uma bulha enorme como que para se esquecer da música e os músicos tocavam com mais força como que para se esquecerem da vida.. Por fim, como não conseguiam fazer mais barulho que os freguezes, acabaram e poisaram os instrumentos. António, que hesitara muito tempo entre um aniz e um conhaque (era preciso beber qualquer coisa cara) acabara também de despejar o cálice. Aborreceu-se. Saiu.

Teve então uma idéia salvadora. Porque não ia êle ao Fado? Tinha ouvido dizer que era uma sensação nova, dolorosamente agradável, única, ouvi-lo, no seu ambiente próprio, frente-a-frente aos cultivadores, em recolhimento, como num templo. Nada que se parecesse com os discos da rádio. Era preciso procurar a emoção na sua fonte límpida. E António dispôs-se a ir à fonte.



Quando entrou, cheirou-lhe muito a mariscos e cerveja. Andava fumo no ar que era uma coisa por demais. O rumor entontecia-o. Mas êle achou que aquilo, sim, tinha côr local, tinha propriedade. E sentou-se. Bebeu mais conhaque. (De conhaque para cima, êle não sabia o nome das bebidas e tinha vergonha de perguntar aos criados). A certa altura, entraram por uma porta dois rapazes bem parecidos. Subiram a um estrado e, de repente, tôda a gente se calou. Antônio julgou que fôsse da policia. Mas não, eram os guitarristas. Começaram a afinar os instrumentos. Depois entrou outro rapaz muito simpático, muito penteado. Era o cantor. Ia, enfim, ouvir o fado. O fumo era cada vez mais denso. Antônio começou a tossir porque nunca fumara e aquilo fazia-lhe mal. Espirrou. Deitaram-lhe um olhar feroz. Mandaram-no calar. Teve vontade de dizer que podia pagar bem 100 escudos por cada espirro. Mas não se quiz traír. O cantor no estrado, rimava «sorte» com «morte» e «terra» com «guerra». Êle espirrava. Agora, era a sala inteira que se voltava para traz, cravava os olhos nêle e fazia «schiu!» Era uma situação insustentável. Pagou e saiu, em bicos de pés. O cantor tinha acabado de falar na «mãesinha» e a casa vinha abai-xo com palmas.

Quando chegou cá fora, era quási meia noite. Aproximava-se a hora do encanto. Havia no ar um fluído pecaminoso. Antônio sentiu-se fauno. Fêz as cantas. Ainda não gastara cincoento escudos. «Não sei como êstes boêmios gostam o dinheiro» — dizia com os seus botões. E decidiu-se a ir finalmente, a um «cabaret». Que rôr de tempo tivera de esperar por aquêle dia, êle que tanto gostava de espectáculos noturnos, nem que fôsse uma 1.ª sessão do Maria Vitória. Mas agora era outra coisa. Iria aos melhores «dancings». E havia de divertir-se.

Desceu outra vez a Avenida. E descobriu que Lisboa nocturna, afinal, não tinha mais dum quilómetro. Cabia tôda ali.

Nos bancos menos iluminados, havia pares esquecidos do tempo e do lugar. Antônio pensava naquêle estranho amor — um amor tardio e madrugador, ao mesmo tempo. E pretendia descobrir a sem razão daquêles namoros: ter-se-iam alheado do relógio ou principiavam já o dia, dobrada a meia noite, para não perder tempo?

Afinal que lhe importava isso a êle? O que êle queria era divertir-se. E subiu as escadas do primeiro «cabaret». Lá dentro, ia uma bulha dos diabos. Ao entrar na sala principal, teve de parar por-



Naquêle «dancing» era outra coisa...

que o fumo era tanto que quási não se via. Dir-se-ia, que os freqüentadores, envergonhados, tinham lançado cortinas de neveiro artificial para não serem vistos uns pelos outros. Acostumados os olhos ao ambiente, procurou depois uma mesa. Verificou, então, com desgosto, que se tinha enganado. Afinal, ali, ninguém se divertia. Homens e mulheres estavam todos com cara de poucos amigos e elas suspiravam mesmo, de vez em quando, com um ar desolado.

As tantas, apareceu uma bailarina que esteve quási dez minutos a andar à roda no pequenino círculo que lhe haviam deixado ao meio das mesas. A pequena lutava com falta de espaço para dançar e talvez por isso, passava muito junto das pessoas, assim como a pedir-lhes por favor que se chegassem um bocadinho para lá... Mas ninguém se chegava. O Antônio teve pena.

Depois, foi-se embora a bailarina e tudo caiu em tristeza novamente. Andavam todos a dançar com um ar convicto, de obrigação.

E o Antônio supôs-se a pessoa mais feliz ali dentro e lembrou-se até que era muito natural que aquela gente andasse a cumprir um dever. Quem sabe se não estavam todos contratados para fazer ambiente às pessoas bem dispo-

tas como êle? Daí, talvez, o seu aspecto de profissionais da alegria. Voltou a ter pena e foi-se embora.

Ainda não fôra ali, mas que importava? Êle havia de divertir-se. Ainda agora a noite ia no comêço. Voltou a esquina e dirigiu-se a outro «dancing». Ah! Agora sim, aquilo era outra coisa! Mal chegou, pagou a entrada. Depois, pagou ao «groom» que lhe pagou no chapêu, ao empregado que lhe indicou uma mesa e a outro que lhe veio dizer que era êle quem pagava um maço de «Chesterfield» que uma senhora tinha pedido. Pagou e ficou satisfeito. Ali, sim. Ali havia alegria, com certeza. Ao menos, gastava-se dinheiro. E, radiante, sentou-se a uma mesa. Começou a achar tudo muito bem: a música, as bailarinas, os freqüentadores e as freqüentadoras. Antônio-premiado na Lotaria estava com a sua gente. Aquilo sim, eram pessoas finas.

—Como está você? — disse-lhe uma voz fêminina, do lado.

Voltou-se. E ficou apreensivo. Não se lembrava daquela cara. Êle também era um esquecido!... Mas não era próprio ir perguntar à senhora de onde é que a conhecia. Gaguejou um cumprimento e ficou muito corado.

A desconhecida não tirava os olhos

dêle e continuava a tratá-lo por você. Antônio teve um baque no coração. Era capaz de ser algum conhecido, realmente. Ora que raio de sorte! Mas quem seria? Não se lembrava. Alguém que o conhecia do escritório. Era isso, com certeza. E agora? Na segunda-feira todos os colegas saberiam que êle se deitara tarde. Quem sabe mesmo se a Beatriz o viria a saber. Antônio empalideceu.

A senhora sentara-se e mandara vir «champagne». Não podia haver dúvidas! Era pessoa conhecida! Depois, teve uma esperança. Quem sabe? Talvez o estivesse a confundir com outra pessoa. E balbuciou:

—Não sei se me conhece... Eu sou o Antônio...

—Ah! Sim! Muito prazer...

E deu uma gorgalhada. Êle ficou preplexo. Percebeu que ela o queria intrin-

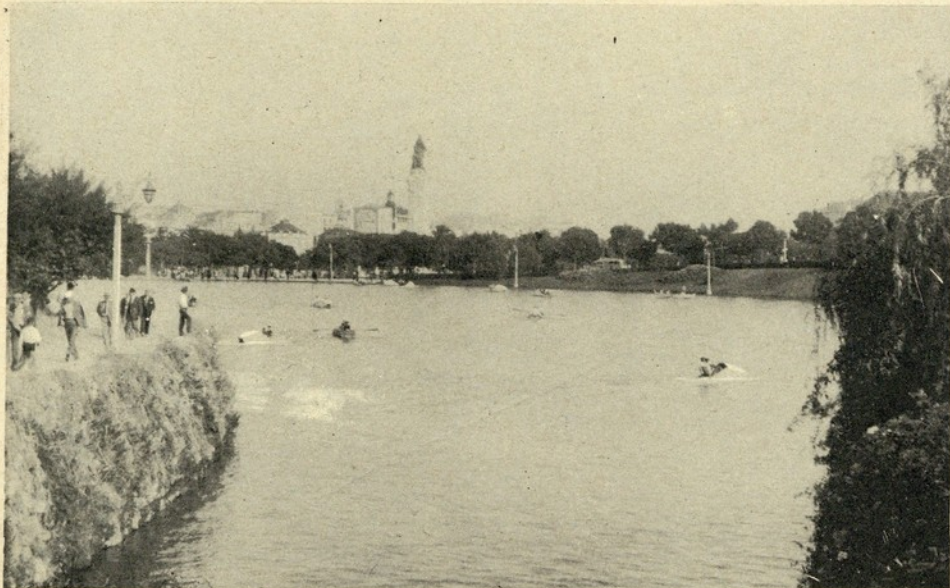


Um amor tardio e madrugador...



Aquela hora da noite, matava-se o bicho — do sono...





LISBOA É UMA CIDADE DE PANORAMAS CAPRICIOSOS, de aspectos sempre novos. Que pensará o leitor desta estranha fotografia em que o monumento ao Marquês de Pombal nos surge em fundo duma paisagem de águas quietas? Afinal, trata-se, como facilmente se reconhecerá, do lago do Parque Eduardo VII (Foto do jornalista Tomé Vieira).

gor. Escusou-se, polidamente — «eu volto já» — e ia sair. Tropeçou, porém, no criado que lhe perguntou, com mau modo:

— Quem paga a despesa daquela mesa?

Deu-lhe uma nota de cem. O criado mudou logo de parecer e dobrou a coluna vertebral.

— Há quanto tempo não via V.

Ex.º... Sempre às suas ordens...

— Pronto! — pensou António — outro que me conhece. Que vida a minha! Como o mundo é pequeno! Não se pode ir para parte nenhuma...

Safu a correr, antes que aparecesse outra pessoa conhecida. Desceu os portos de Santo Antão, la aflito com as conseqüências daqueles encontros. Só parou numa taberna, onde se encontra-

vam vários indivíduos com ares de sonâmbulos que àquela hora matavam o bicho — do sono... Bebeu então a única bebida que lhe soube bem naquela noite: uma ginja.

Eram 4 horas. O primeiro barco para a Trafaria era só às 6. António foi a pé,

até Belém, a gozar o fresco da madrugada.

O conhaque parecia não ter gostado da companhia da ginja — e o estômago começou a doer-lhe. Ainda tentou assobiar a sua valsa de Sibelius. Depois, desistiu.

Principiaram a passar os primeiros «eléctricos». E os primeiros operários que iam para as fábricas. Um deles olhou para António, viu o seu ar folgazão e comentou para os colegas:

— Estes tipos fartam-se de gozar!

António sentiu remorsos e um sabor azêdo na boca. Ao chegar a uma esquina, olhou para todos os lados e, quando viu que ninguém o observava, cuspiu, como que querendo expulsar uma recordação dolorosa.

E nunca disse a ninguém que lhe tinha saído uma cautela premiada.

## Vida MUNDIAL

### CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00; 6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00.

África: 12 meses (48 números) — 60\$00. Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65\$00.

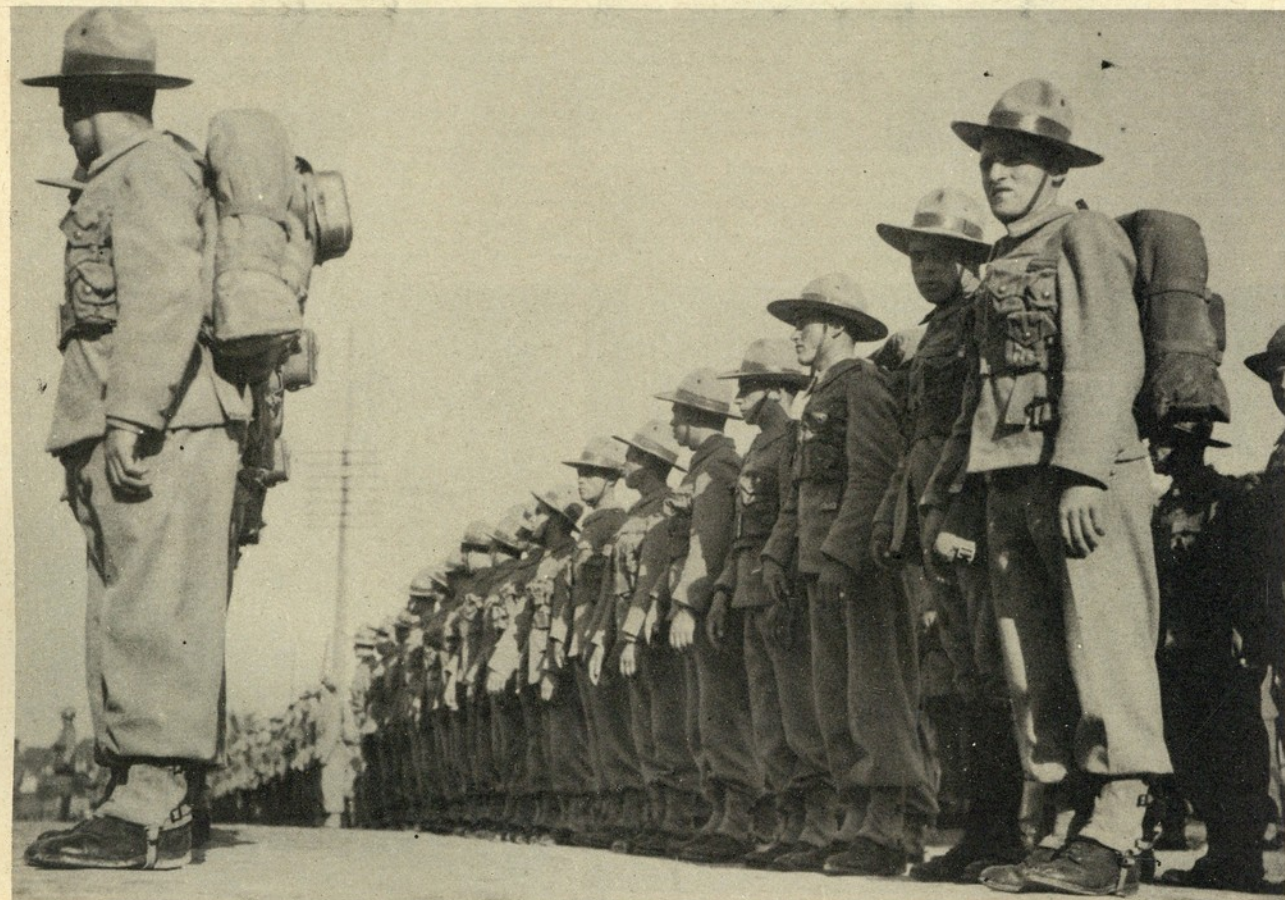
Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80\$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.<sup>da</sup> Trav. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

### DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.<sup>o</sup> Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura



SOLDADOS DE PORTUGAL partiram outra vez para a terra portuguesa. Depois de desfilarem pelas ruas da cidade, os soldados formaram no Terreiro do Paço.



# Antes do invasor chegar



CAMPONESAS RUSSAS recolhem nas searas o trigo da última colheita, perante o avanço sempre crescente das tropas alemãs.





O SALTO DO PINGUIM foi um dos mais animados desportos desta época nas praias norte-americanas. Desporto, talvez não seja bem o termo — excentricidade. As raparigas «yankees» que o praticavam não faziam mais do que jogar o portuguêsíssimo «seixo-ribaldeixo», com a diferença de terem nos pés uns estranhos sapatos, caricatura das patinhas do simpático animal que habita as regiões polares, o que lhes dificultava os movimentos e punha à prova a sua destreza — base do novo desporto.





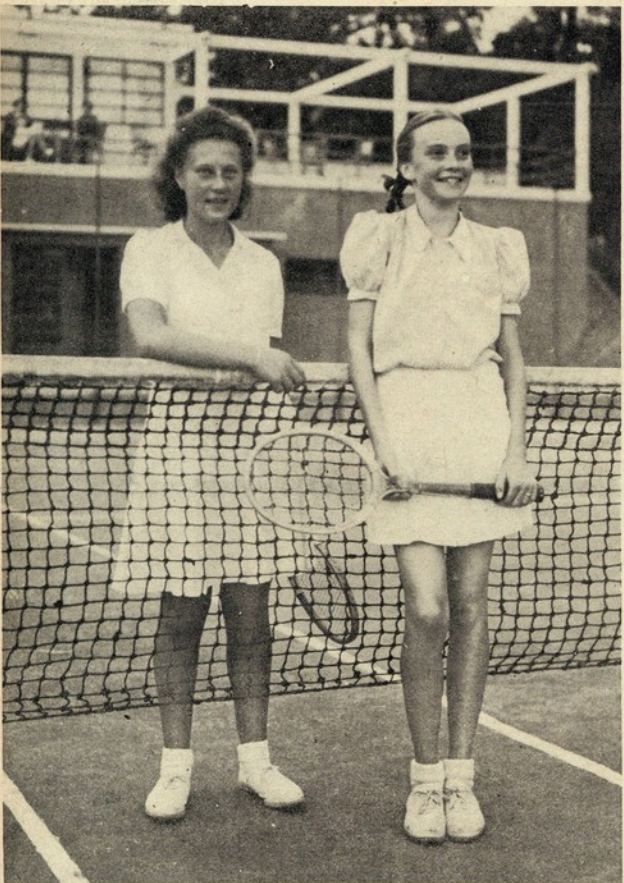
O Teatro Nacional de Espanha  
vai representar Gil Vicente

O TEATRO NACIONAL DE ESPANHA que o ano passado, durante a Exposição do Mundo Português, se exibiu, com grande êxito, em Lisboa, incluiu no seu repertório oficial para esta temporada o nome de Gil Vicente, facto que merece ser assinalado, com júbilo. O fundador do teatro português figura no seleccionado repertório de produções clássicas com uma das suas obras de mais vivo e espontâneo lirismo, «Don Duardos», ao lado de Calderon de La Barca, de quem se representará «O mágico prodigioso». A foto mostra-nos a grande artista Blanca Esiloz, do Tectro Nacional de Espanha, na interpretação duma peça clássica. (Foto Roger Khan).





O SR. DR. MARIO CAES ESTEVES, presidente da Comissão Distrital da U. N. de Lisboa, presidindo a uma sessão de propaganda eleitoral na sede da U. Nacional.



AS FINALISTAS DUM CAMPEONATO FEMININO DE «TENNIS» realizado recentemente no Estoril, com grande concorrência de desportistas.

# NO PROXIMO NÚMERO VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

A maior tiragem de todos os  
semanários ilustrados portugueses

PUBLICA UMA ENTREVISTA  
COM O GRANDE JORNALISTA



## CARLOS FERRÃO

ESTA ENTREVISTA CONSTITUE O PREFÁCIO DA SUA OBRA, TÃO ANSIOSAMENTE ESPERADA, E ESPECIALMENTE ESCRITA, EM EXCLUSIVO, PARA A NOSSA REVISTA

## HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

NO DIA 30, PRINCIPIARÁ A PUBLICAR-SE O PRIMEIRO ARTIGO DESTE MAGNIFICO TRABALHO DE DOCUMENTÁRIO E ESTUDO

## ASSIM ESTALOU A GUERRA

LEIA TODAS AS QUINTAS-FEIRAS, EM «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA» OS SENSACIONAIS ARTIGOS DESTA SÉRIE

USE O MATERIAL FOTOGRÁFICO

# ILFORD

CHAPAS // PAPEIS  
PELÍCULAS



A' venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



ILFORD LIMITED  
ILFORD - LONDRES





OS SRS. MINISTRO DAS COLÓNIAS E SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DA GUERRA passando revista a um destacamento que partiu para Cabo Verde.



NO LICEU D. FILIPA DE LENCASTRE, o novo ano lectivo foi inaugurado festivamente com uma sessão solene de que damos, na foto em cima, um aspecto.



O SR. ANTÓNIO SEBASTIÃO SPÍNOLA tomando posse do cargo de inspector geral de Finanças. Na foto, vê-se o ministro, sr. dr. Costa Leite (Lumbráles).



OS SRS. MINISTRO E SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO NACIONAL ouvindo a conferência do sr. dr. Marcelo Caetano na inauguração dos trabalhos do novo ano da M. P., efectuada há dias com toda a solemnidade.



NA PASSADA SEXTA-FEIRA, seguiu para os Açores um novo contingente de tropas. A foto dá-nos um aspecto da sua passagem pelas ruas da cidade.



O SENHOR CARDEAL PATRIARCA com as filiadas das Juventudes Católicas. (Fotos feitas com películas «Ferránia»)



# Imagens da **ITALIA** na guerra



NO SECTOR DE TOBRUK, perante a resistência inglesa que dura há meio ano, não cessam as operações de reconhecimento e desgaste. A foto, em cima, mostra-nos um destacamento italiano atacando com lança-chamas um núcleo de resistência inimiga que se defende, poderosamente armado.



TROPAS ITALIANAS, em operações na frente oriental, procedem a operações de limpeza, avançando cautelosamente no interior duma aldeia russa ocupada.



PARA FACILITAR O AVANÇO das unidades motorizadas do seu exército, através das estradas russas, empapadas de lama, é, por vezes necessária a ajuda das forças de infantaria e engenharia, como mostra a foto à esquerda.



A POUCOS METROS DA ENTRADA duma aldeia russa, da Ucrânia, soldados da infantaria italiana vencem, com fogo de barragem de metralhadoras, os últimos redutos de defesa dos soviets.



## Panorama internacional

## A CAMINHO DO INVERNO

(Conclusão da pág. 8) Por FRANCISCO VELLOSO



Devido ao estabelecimento da hora de inverno, os horários da B. B. C. passaram a ser os seguintes:

Noticiário em LÍNGUA PORTUGUESA			
Horas	Estações	Ondas curtas	
12.15	Noticiário	G R Z	13.86 m. (21.64 mc/s)
		G S O	19.76 m. (15.18 mc/s)
12.30	Actualidades	G R V	24.92 m. (12.04 mc/s)
21.00 (*)	Noticiário	G S C	31.32 m. ( 9.58 mc/s)
		G S B	31.55 m. ( 9.51 mc/s)
21.15	Actualidades	G R T	41.96 m. ( 7.15 mc/s)

(\*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) em G. R. V..

• Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

A venda na Livraria Bertrand, Rua Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

bramiram, mas a réplica não tardou.

Em novo artigo, no *Collier's* do dia 3, Roosevelt atirava-se de rijo contra elas, apontando-as como obstrucionistas com mira em negócios, e, usando já de uma linguagem de guerra, dizia: «A única paz possível com Hitler é a sua derrota completa». A imprensa notificava nesse mesmo dia que a Lei de Neutralidade seria revista.

O torpedeamento do *White* pelos submarinos de Raeder e as recargas dos ataques da aviação alemã contra os comboios marítimos reforçaram os desígnios presidenciais.

Smuts, em Pretória, recém-meado marechal, trazia, numa entrevista concedida à *United Press*, poderoso reforço aos intervencionistas norte-americanos:

«Como se sabe a entrada dos Estados Unidos na outra guerra, foi necessária para ela se ganhar. O mesmo direi agora. É necessária a entrada dos Estados Unidos para se ganhar a guerra.»

A 7, reuniam-se os *leaders* políticos na Casa Branca. A Lei de Neutralidade tinha vivido.

## COMO NO IRAQUE E NA PÉRSIA



RAUCHNIGG

Roosevelt na mensagem que, a 9, dirigiu ao Congresso instando que a Lei fosse rapidamente revista, escreveu que «já é tempo dos Estados Unidos deixarem de fazer o jogo de Hitler e de se libertarem dos empecilhos que prejudicam a sua acção». E acrescentou: «Hitler lançou-nos um repto que nós, os americanos, não podemos nem queremos tolerar. A bandeira americana não será retirada dos mares por causa dos submarinos, dos aviões ou das ameaças da Alemanha».

O sentido destas palavras e outras semelhantes era desvelado ao mesmo tempo pelo presidente da Comissão dos Orçamentos da Câmara anunciando: «Está eminente uma nova fase da guerra».

Mas Roosevelt estaria talvez lon-

ge de imaginar que bem depressa o *Führer* viria reforçar a sua mensagem e impelir os Estados Unidos para as atitudes decisivas que a conspiração isolacionista por todos os meios tem tentado impedir ou, pelo menos, retardar.

A ofensiva alemã na Rússia atingia no dia 9 objectivos que em Londres foram reputados graves para Timochenko, embora as autoridades alemãs declarassem em Berlim que na primavera baterão os exércitos russos mesmo por detrás dos Urais — e este facto acelerará muito mais aquela necessidade de ofensiva a que acima aludimos, da parte dos aliados.

Por outro lado, e também simultaneamente um golpe de Estado vibrado no dia 9 no Panamá, aproveitando a ausência do presidente da república Arias, dava o governo a De la Guardia, cujo primeiro acto, segundo rezam as folhas desse dia, foi ordenar a retirada das tropas americanas do território.

É sabido que um tratado garante aos Estados Unidos a defesa militar do Canal, que é bem o Suez das Américas, e é de pensar em que desde 1903, em troca de uma soma de 10 milhões de dólares, a república cedeu por perpetuidade aos Estados Unidos a zona do canal com margens de resguardo de cerca de 8 mil quilómetros. A sua origem fez-nos logo lembrar as dos que se premeditavam e foram frustrados na Argentina e no Chile *et pour cause*, não será sem imediatas consequências. Será assim?

No entanto, há uma, de carácter político, que ressaí desde já — a de que o Presidente pode oferecer aos americanos a primeira prova prática do valor que virá a ter, segundo o texto do famoso livro revelador de Rauchnigg, um ataque alemão ao hemisfério ocidental.

E com um acôrdo que parece prestes a fechar-se com o Japão, os Estados Unidos poderão, ainda melhor, dar-se a efectivar, com o apoio das outras nações americanas (o Brasil reforçou poderosamente grupos de tropas perto do Golfo do México), a sua entrada na guerra, e evidentemente, a prever que teriam de fazer no Panamá o mesmo que os ingleses fizeram em Bagdad, no Iraque, e em Teherão na Pérsia, por causas semelhantes.

VAI SER POSTO A VENDA BREVEMENTE

UM NOVO LIVRO DE RAMADA CURTO

«DO DIÁRIO DE JOSÉ MARIA»

É UMA EDIÇÃO DE «VIDA MUNDIAL

## CIGANOS



— Maria, sabes? Comprei um décimo da lotaria e prometi a Deus que, se me saísse, lhe faria uma imagem em prata...

— Ai, José! Oxalá que sim!

— Então, José, saíu-te alguma coisa no décimo?

— Nada. Branco como a cal da xarede. Deus não me quis fazer a vontade. Para a outra vez será!

— Maria, vou comprar outro décimo para sábado. E vou fazer outra vez a promessa. Mas agora, ofereço-a ao Diabo, porque Deus não me ligou importância...

— Ai, Maria! Que alegria! Saíu-me a grande!

— Olha: sabes o que te digo? Deus é mais esperto que o Diabo... Ele logo percebeu que tu, em te saindo a grande, não cumprias a promessa...





# Inglêses e canadianos copiaram uma "invasão"

TAL FOI O OBJECTIVO DAS ÚLTIMAS GRANDES MANOBRAS efectuadas na Inglaterra por forças do exército britânico, na previsão dum assalto inimigo à ilha, sempre iminente segundo a opinião do Primeiro Ministro Churchill. A foto mostra-nos um soldado inglês saltando, de espingarda na mão, um obstáculo do terreno, durante as manobras.